



**SEU ANTÔNIO** acorda todos os dias às 3 horas para produzir pães que vende em sua padaria no bairro Gurigica, onde mora há 68 anos. “Eu sou um invasor do morro e do manguezal e me orgulho de fazer parte dessa história de luta por moradia”, contou

A TRIBUNA COM VOCÊ EM GURIGICA

# Em busca de um novo amor aos 81 anos

O padeiro Antônio Leal trabalha diariamente e disse que está à procura de uma namorada disposta a dividir a vida com ele

Rayza Fontes

**A** idade não impede Antônio Leal, o Seu Antônio do pão, de 81 anos, de acordar às 3 horas para ligar o forno, cuidar de sua padaria, da casa, subir e descer as escadas do bairro e de sonhar com um novo amor.

“Estou em busca de uma companheira fiel e que ame tudo o que fizer. Se a gente não amar as coisas, elas perdem o sentido. Eu preciso disso para me sentir vivo e continuar vivendo”, disse Seu Antônio,

que já foi casado e tem três filhos.

Morador de Gurigica, em Vitória, há 68 anos, ele é nascido em Santa Leopoldina, na região serrana, mas orgulhoso por participar da história de ocupação do morro.

“Eu sou um invasor do morro e do manguezal e me orgulho de fazer parte dessa história de luta por moradia. Fui jurado de morte, estive preso, mas para mim a coisa mais importante é a justiça. Deus é justo”, disse ele.

Ao lado da cadela Menina, sua companheira adotada em um canil da Prefeitura de Vitória, ele contou que o nome Gurigica é usado só na teoria e lembra o tempo em que a parte baixa do bairro era de manguezais e vegetação de taboa.

“O morro, para nós moradores, chama Jaburu, mas oficialmente, em placas e documentos, ainda é Gurigica. Assim como Consolação passou muitos anos chamando Gurigica. Antigamente, tudo tinha

um nome só: Baixada da Égua. Mas faz muito tempo, na época que a gente pegava taboa na rua para fazer esteira e vender”, lembrou.

Apontado pela comunidade como o morador mais antigo do bairro, ele diz ter perdido os amigos para o tempo, e pensando em aproveitar a vida, dedica o tempo fora da padaria a cuidar de moradores de rua.

“Eu vou à cracolândia da Vila Rubim, distribuo sopa, ajudo a cortar o cabelo deles. E o mais importante, tento salvar a alma dos que estão perdidos”, explicou.

Os primeiros moradores da região da Baixada da Égua foram os migrantes do Nordeste que vinham ao Estado em busca de oportunidades de emprego, e pessoas vindas do interior, também em busca de oportunidades. Atualmente, o bairro conta com quase 6 mil habitantes.

## HISTÓRIA DO BAIRRO

### Passado de ocupação

> **LOCALIZADO** a leste do município de Vitória, fazem parte do bairro as comunidades de Constantino, Floresta e Jaburu, que juntas são chamadas de Grande Gurigica e somam aproximadamente 6 mil moradores, de acordo com o último Censo.

> **APARTIR DE 1945**, começou a ocupação clandestina da região, que foi efetivada em 54.

> **O PERÍODO** marca a época da urbanização dos mangues, localizados onde hoje se encontram as avenidas Vitória e Leitão da Silva.

> **A EXPANSÃO** dos aterros e o avanço da urbanização começou a expulsar a população local, que foi se deslocando para encostas na região onde hoje se localiza o Morro do Jaburu.

## COMO FAZER CONTATO

### Sugira uma reportagem

Os moradores de Gurigica, em Vitória, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro. As indicações podem ser enviadas para o e-mail [atcomvoce@redetribuna.com.br](mailto:atcomvoce@redetribuna.com.br). Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita do projeto **A Tribuna com Você**.

## AS RECORDAÇÕES



**ANA CRISTINA** nasceu no bairro

### Macacos à solta

Moradora de Gurigica desde que nasceu, há 42 anos, Ana Cristina Teixeira Alves tem na memória o tempo em que os macacos, ainda presentes na mata remanescente, tomavam conta da região. Com poucas casas e sem eletricidade e água encanada, a vida era mais difícil, porém prazerosa, afirma.

“Macaco tem até hoje, mas antes era demais, em todos os lugares, viviam no meio da gente. Passei muita dificuldade aqui, mas sempre gostei”, contou a doméstica.



**JOSELINA:** paixão por Gurigica

### Lata d'água na cabeça

Há 47 anos, na parte de alta de Gurigica a moradora Joselina Cassemiro da Silva, 66, viveu em casas iluminadas por lamparina, com fogão de lenha e água vinda em latas trazidas pelos moradores, na cabeça.

“Todo dia tinha que descer o morro, pegar água e lenha na praça da Enseada do Suá e subir. A gente caía, mas sempre levantou. Eu saí de Minas Gerais com uma família e mudei direto para cá. Sou apaixonada por esse morro”, contou ela,

Aposentada e viúva há três anos, ela cuida da casa e vende chup-chup no bairro para complementar a renda.